

Comentário de Conjuntura

Em agosto, o cenário econômico global permaneceu marcado pela elevada incerteza geopolítica e pela necessidade de conciliar inflação ainda acima das metas com sinais de moderação da atividade. A persistência das tensões no Oriente Médio manteve riscos sobre os preços de energia, mas sem alterar de forma significativa a dinâmica global no mês. Nesse ambiente, os bancos centrais seguiram dependentes dos dados, com a evolução da inflação e dos mercados de trabalho determinando o espaço para ajustes nas taxas de juros.

Nos Estados Unidos, os dados divulgados reforçaram a resiliência da economia, embora o mercado de trabalho tenha mostrado alguma moderação, com perda líquida de 23 mil postos e taxa de desemprego de 4,1%. A inflação ao consumidor avançou 0,1% no mês, acumulando 3,4% em doze meses, enquanto o núcleo registrou 2,5% na janela anual. Em Jackson Hole, o presidente Kevin Warsh adotou tom mais hawkish, destacando a persistência da inflação acima da meta de 2% e mantendo aberta a possibilidade de novos ajustes nos juros.

Na Europa, a atividade mostrou maior resiliência, com o PIB da Zona do Euro avançando 0,4% no segundo trimestre, enquanto a inflação acelerou para 2,9% em julho, pressionada principalmente pela energia, cuja variação anual atingiu 10,3%. Nesse contexto, o BCE manteve postura cautelosa, diante do risco de persistência das pressões inflacionárias. Na China, a atividade apresentou sinais de moderação: a produção industrial cresceu 4,5% e as vendas no varejo apenas 0,6% em julho, enquanto o índice de preços ao produtor recuou 0,7% na margem.

No Brasil, os dados reforçaram a desaceleração gradual da atividade, embora o mercado de trabalho permaneça aquecido. O relatório do Caged registrou criação de 58,6 mil vagas em julho, acumulando 972,2 mil no ano. No campo inflacionário, o IPCA avançou 0,07%, acumulando 4,44% em doze meses, enquanto o IPCA-15 de agosto registrou deflação de 0,40%, com desaceleração dos preços de alimentos e energia. Nesse contexto, o Copom reduziu a Selic em 25bps, para 14,00% a.a., destacando a moderação da atividade e a melhora das medidas subjacentes, mas mantendo cautela diante das expectativas para 2026 e 2027, em 5,0% e 4,2%, respectivamente.

Recursos Garantidores

R\$ 771,4 milhões

Superavit Técnico

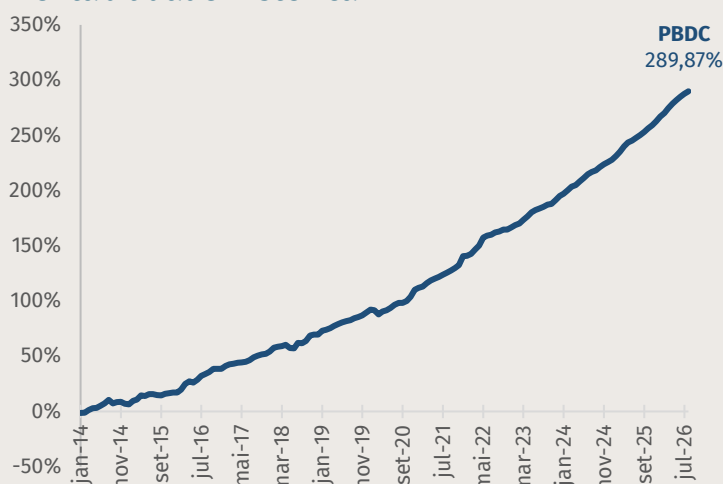
Superavit Acumulado	R\$ 126,7 milhões
Provisões Matemáticas	R\$ 383,5 milhões
% Provisões Matemáticas	33,0%

Histórico de Rentabilidade (%)

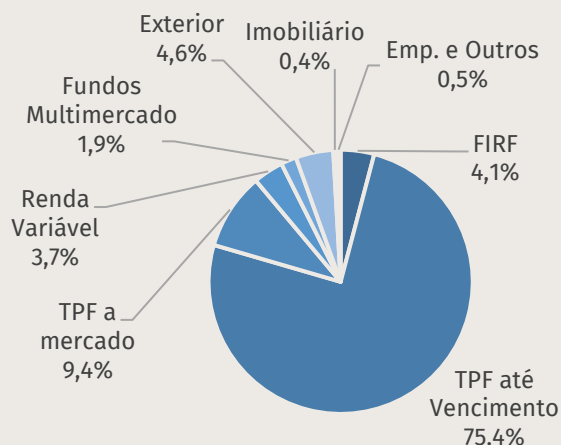
	2025			2026					12 meses	24 meses	36 meses	60 meses
	1º Sem	2º Sem	Ano	1º Tri	2º Tri	Jul	Ago	Ano				
PBDC - Rent. líq.	6,01	5,02	11,34	3,23	2,84	0,65	0,59	7,50	11,35	22,99	36,62	72,81
Meta Atuarial¹	4,88	3,09	8,12	2,90	2,39	0,39	-0,00	5,78	8,22	17,98	27,52	56,12
IPCA	2,99	1,24	4,26	1,92	1,42	0,07	-0,32	3,11	4,22	9,43	14,21	29,90
CDI	6,41	7,43	14,32	3,41	3,32	1,22	1,09	9,33	14,63	29,38	43,89	80,05

1/ IPCA + 4,0% a.a. em 2021, IPCA+3,7% a.a. de partir de 2022 a 2025, IPCA+3,9% a partir de 2026.

Rentabilidade Histórica



Composição da Carteira



Destaques de Desempenho

Em agosto, a carteira de investimentos do plano auferiu rentabilidade de 0,59%. O resultado foi favorecido pelo desempenho dos segmentos de Exterior – em função da depreciação cambial, Estruturado e Renda Fixa, que apresentaram retornos de 3,07%, 1,18% e 0,51%, respectivamente. A Renda Variável, por sua vez, apresentou retorno negativo de 0,70% no período, refletindo o movimento do “trade eleitoral”.

Segmento de Aplicação	Rentabilidade (%) Agosto/26
Renda Fixa	0,51
Renda Variável	-0,70
Estruturado	1,18
Exterior	3,07
Imobiliário	-0,14
Op. Participantes	0,97